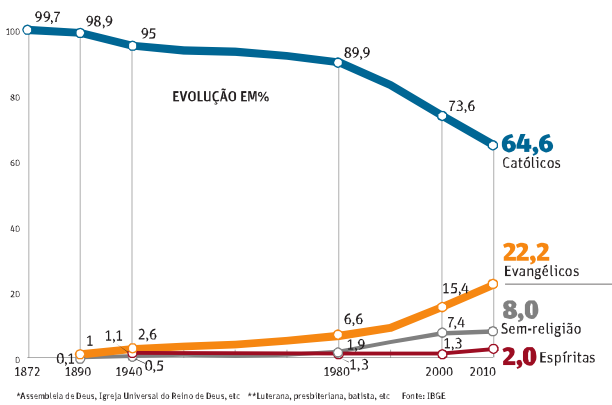
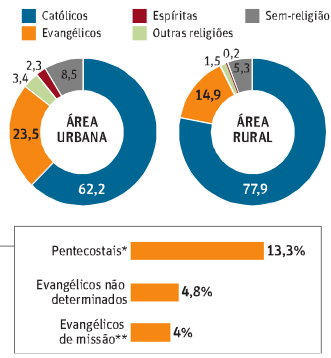
RELIGIÕES NO BRASIL Participação na população total





Censo aponta queda no número de católicos pela 1ª vez no Brasil

Movimento foi acompanhado pelo crescimento de evangélicos, especialmente nas periferias

Entre 1960 e 2010, participação dos católicos na população brasileira passou de 93,1% para 64,6%

DENISE MENCHEN
FABIO BRISOLLA
DO RIO

Após décadas perdendo espaço no Brasil, o catolicismo assistiu no começo deste século à primeira redução no seu número de fiéis no país.

Segundo dados do Censo, a religião perdeu 1,7 milhão de adeptos entre 2000 e 2010. Com o recuo, o número de católicos no país chegou a 123,3 milhões —64,6% da população. Até 1970, essa proporção superava os 90%.

O movimento foi acompanhado pela expansão das religiões evangélicas, que atraíram 16,1 milhões de fiéis em dez anos e hoje somam 42,3 milhões (22,2% da população). Os grupos de sem-religião e espíritas também tiveram crescimento, embora tenham peso menor no cenário nacional (8% e 2%).

Dentre as religiões evangélicas, as que tiveram maior expansão foram as de origem pentecostal, como Assembleia de Deus e Evangelho Quadrangular. As chamadas religiões evangélicas de missão, como a adventista, a luterana e a batista, registraram oscilações menores.

O demógrafo José Eustáquio Diniz Alves, da Escola Nacional de Ciências Estatísticas, diz que, mantida a tendência das últimas décadas, o número de evangélicos irá superar o de católicos em 20 ou 30 anos. "O maior país católico do mundo vai deixar de ser católico", afirma.

Para isso, pesa o fato de que as religiões de origem pentecostal têm forte presença entre a população jovem, especialmente entre as mulheres em idade reprodutiva, que tendem a criar os filhos na mesma religião.

Alves explica que a perda de espaço do catolicismo é um fenômeno presente no país desde a proclamação da República, quando houve a separação entre Estado e Igreja. A migração de colonos de países como Alemanha e Japão também colaboraram para diminuir a hegemonia absoluta dessa religião.

Apesar disso, 89% ainda se diziam católicas em 1980. A partir daí, as mudanças começaram a acontecer em ritmo mais rápido, com os evangélicos ganhando espaço principalmente nas periferias das zonas urbanas.

Desde que assumiu a Igreja Católica, em 2005, o papa Bento 16 costuma dizer que prioriza a "qualidade de seus fiéis", não a quantidade.

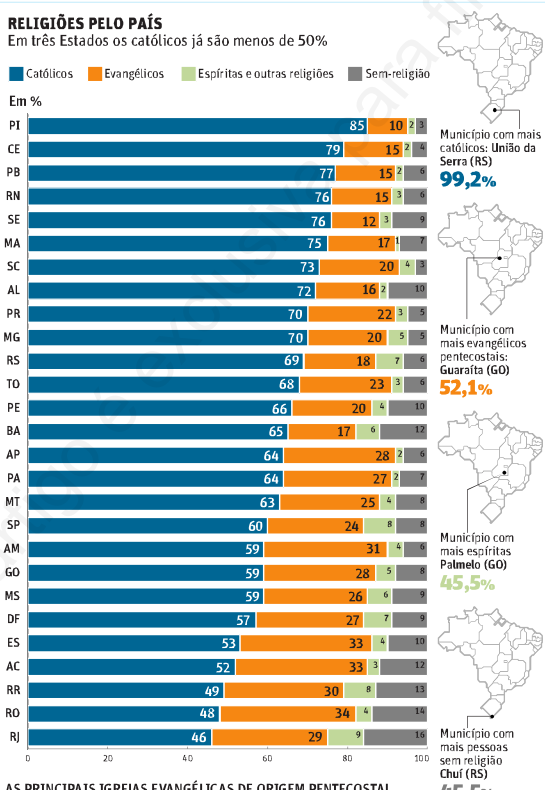
Para o padre Thierry Linard, designado pela CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) para comentar a pesquisa, os dados refletem uma "falha institucional" da Igreja Católica.

Na avaliação dele, a instituição não soube acompanhar as migrações que ocorreram tanto para a periferia das grandes cidades do Sudeste quanto para as regiões Norte e Centro-Oeste do país.

"A Assembleia de Deus tem bem mais penetração na periferia. Onde surge uma comunidade, logo surge uma igrejinha", comparou, dizendo que, na Igreja Católica, a "estrutura é mais pesada".

Alves, da Escola Nacional de Ciências Estatísticas, diz que as religiões evangélicas avançam sobre as periferias e a nova classe média com a "teologia da prosperidade", que promete a melhoria de vida para os fiéis.

Entre os Estados, o Rio Grande do Sul é o que reúne os municípios com maior concentração relativa de católicos, evangélicos, umbandistas e candomblecistas, além de pessoas sem religião.



AS PRINCIPAIS IGREJAS EVANGÉLICAS DE ORIGEM PENTECOSTAL
Em milhões de fieis

	2000	2010	Evolução (em %)
Assembleia de Deus	8,4	12,3	46,4
Igreja do Evangelho Quadrangular	1,3	1,8	38,5
Igreja Pentecostal Deus é Amor	0,77	0,85	9,2
Congregação Cristã do Brasil	2,5	2,3	-8,0
Igreja Universal do Reino de Deus	2,1	1,9	-9,5

Assembleia de Deus atrai 3,9 milhões de novos evangélicos

DO RIO

Os templos da Assembleia de Deus atraíram 3,9 milhões dos 16 milhões de novos evangélicos identificados no Censo 2010.

Com pouco mais de 8 milhões de fiéis em 2000, a Assembleia somou 12,3 milhões de pessoas em 2010.

"O número é maior que o registrado pelo IBGE. A Assembleia de Deus reúne atualmente 16 milhões de pessoas", estima o bispo e deputado federal Manoel Ferreira (PTB-RJ), um dos líderes da vertente evangélica.

O IBGE admite que a contagem pode ser maior.

Na pesquisa, o recenseador fazia só uma pergunta ao morador (sem listar opções): "Qual é a sua religião ou culto?" Respostas genéricas foram classificadas como "evangélica não determinada", que somou 9,2 milhões de pessoas. (DM E FB)

OUTROS RECORTES DO CENSO

DEFICIENTES
Segundo o Censo, cerca de 46 milhões de brasileiros (quase um quarto da população) disseram ter ao menos uma das deficiências investigadas na pesquisa —mental, motora, visual e auditiva.
Foram consideradas desde dificuldades leves até a incapacidade total. A pesquisa também revela que, entre os maiores de 15 anos de idade que têm alguma deficiência, 61,1% têm no máximo o ensino fundamental incompleto. Entre os sem deficiência, o percentual é de 38,2%.

EDUCAÇÃO POR RAÇAS
Mesmo com o sistema de cotas, o acesso ao ensino superior ainda é desigual. Segundo o Censo, 31,1% dos brancos de 15 a 24 anos que estudavam em 2010 cursavam faculdade. Já entre os negros da mesma faixa etária, só 12,8% estavam no ensino superior —quase o mesmo percentual verificado entre os pardos, de 13,4%. Os dados indicam a alta defasagem escolar, já que, em todos os grupos, cerca de 50% dos estudantes entre 15 e 24 anos estão no ensino fundamental.

EXPECTATIVA DE VIDA
Em meio século, a expectativa de vida no Brasil deu um salto de 25,4 anos. Em média, uma criança nascida em 2010 irá chegar aos 73,4 anos. Em 1960, a esperança de vida média era de 48 anos.
Os dados revelados pelo Censo não trouxeram mudanças significativas em relação à estimativa das "tábuas de mortalidade", calculadas anualmente pelo IBGE e que são usadas pelo governo para o cálculo das aposentadorias. A última estimativa era de 73,5 anos.

ANÁLISE

Em marcha, a transformação da demografia religiosa do país

RICARDO MARIANO
ESPECIAL PARA A FOLHA

O Censo confirma as tendências de mudança radical da demografia religiosa nas últimas décadas: queda da hegemonia católica, avanço vertiginoso dos evangélicos e diversificação religiosa.

Liderada pela Renovação Carismática e apoiada na criação de redes de TV e no evangelismo midiático, a reação católica à expansão pentecostal fracassou.

O inchaço da categoria "evangélica não determinada" reduziu artificialmente o crescimento pentecostal. Mostra limitações do Censo, mas também pode estar sinalizando a expansão da privatização religiosa nesse grupo, situação em que o crente mantém a identidade religiosa e a crença, mas opta por fazê-lo fora de instituições.

Tal privatização resultaria da massiva difusão do individualismo, da crescente busca de autonomia em relação aos poderes eclesiásticos, à imposição de moralidades tradicionalistas, aos elevados custos do compromisso religioso. Ela pode ter ocorrido, em especial, entre indivíduos dos grupos mais beneficiados pelo crescimento da renda e das oportunidades no mercado de trabalho e no ensino superior.

O Censo também reitera o crescimento do pentecostalismo na base da pirâmide social: 64% dos pentecostais ganham até um salário mínimo, 28% recebem entre um e três salários, 42% têm ensino fundamental incompleto. Avança nos segmentos mais vulneráveis da população, nas periferias urbanas e regiões mais violentas, nas fronteiras agrícolas do Norte e do Centro-Oeste, onde a presença católica é rarefeita.

Causa surpresa o declínio, em números absolutos, de Congregação Cristã no Brasil e Universal do Reino de Deus. Elas perderam, respectivamente, 200 mil e 228 mil adeptos. Até então, só uma grande evangélica, a Luterana, havia declinado, o que se explica por ser uma denominação de tradição étnica pouco dedicada ao proselitismo.

Parte da "queda" (improvável, cabe frisar) da Congregação e da Universal decorre da indefinição da identidade denominacional de 9,2 milhões de evangélicos. Mas há outras hipóteses.

Fiel aos princípios de não fazer uso proselitista de mídias e não apelar para a oferta sistemática de serviços mágico-religiosos, a Congregação perde competitividade.

Já a Universal tem sido fortemente pressionada por igrejas que passaram a clonar seus métodos, especialmente a Mundial do Poder de Deus, liderada por Valdemiro Santiago (315 mil adeptos). Pela TV Record, Edir Macedo já acusou o golpe, ao atacar ferozmente o oponente, que, tal como Silas Malafaia, passou a ser estrategicamente apoiado pela Rede Globo.

Seus megatemplos desfavorecem uma sociabilidade fraternal e comunitária. E a ênfase na oferta ritual de soluções mágicas faz com que muitos frequentadores ajam mais como clientela flutuante. Eles pagam por serviços recebidos, mas refutam compromissos duradouros.

A Universal carece da capacidade de formar comunidades e da pregação de uma teodiceia redentora de longo prazo. É o que se propõem a fazer várias independentes o grande guarda-chuva "Assembleia de Deus".

RICARDO MARIANO é sociólogo

Fonte: Folha de S. Paulo, São Paulo, 30 jun. 2012, Primeiro Caderno, p. A16.